

AS MULHERES E A HISTORIOGRAFIA¹

WOMEN AND HISTORIOGRAPHY

Gláucia da Rosa do Amaral Alves² e Elsbeth Léia Spode Becker³

RESUMO

A presença das mulheres na historiografia é recente e remete ao contexto social contemporâneo. Porém, por muitos séculos, a História foi pensada e contada somente a partir do imaginário masculino e, nesse sentido, a proposta deste artigo é repensar a respeito da construção da História das mulheres do Ocidente na Historiografia. O diálogo aqui esboçado levará o leitor a compreender o que foi a Escola dos *Annales* e como se caracterizam as suas três gerações, compreendidas, principalmente, pela ampliação do campo historiográfico, pela interdisciplinaridade e pela construção de uma história totalizante. A metodologia foi embasada na pesquisa bibliográfica na perspectiva da pesquisa qualitativa que relacionou a Escola dos *Annales* com a História das Mulheres e, a partir disso, descreveu a influência da Revista dos *Annales* como um instrumento de historiografia na abordagem do tema. Pôde-se inferir que, o surgimento da Escola dos *Annales*, engendrou um movimento historiográfico muito intenso e renovador, colocando em questionamento a historiografia tradicional e apresentando novos e complexos elementos para o conhecimento das sociedades. Dessa forma, foi possível romper paradigmas sociais, cujas questões passaram a ser relacionadas à preocupação com o homem/mulher enquanto ser social e, especialmente, pensar a mulher como protagonista e sujeito histórico e social. E, por fim, pretendeu-se colaborar para ampliação da discussão sobre o tema e, principalmente, evidenciar a ruptura da existência de uma identidade de supremacia eminentemente masculina.

Palavras-chave: Escola dos *Annales*, empoderamento, silenciamento.

ABSTRACT

The presence of women in historiography is recent and it refers to the contemporary social context. However, for many centuries, History was thought and told only from the male imagination, and in this sense, the goal of this article is to think about the construction of History of Western women in Historiography. The dialogue outlined here will lead the reader to understand what was the Annales School and how its three generations are characterized, mainly, by the expansion of the historiographical field, by the interdisciplinarity and the construction of a totalizing history. The methodology was based on a bibliographical research in the perspective of the qualitative research that related the School of the Annales with the History of Women and the description of the influence of the Annales Magazine as an instrument of historiography in the approach of the subject. The emergence of the Annales School generated a historiographical movement that was very intense and renewing. It questioned the traditional historiography and presented new and complex elements and, in this way, it was possible to break social paradigms, whose questions became the preoccupation with the human being as a

¹ Trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Ensino e Formação Docente, Linha de Pesquisa: ensino e práticas docentes, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Aluna do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - Universidade Franciscana. E-mail: glauciadaamaral@gmail.com

³ Orientadora. Professora Adjunta III no Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - Universidade Franciscana. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

social one. It also thinks women are historic and social protagonist subjects. Finally, we sought to collaborate to broaden the discussion on this subject and, mainly, to show the breakup the masculine supremacy.

Keywords: *Annales School, empowerment, silencing.*

INTRODUÇÃO

Este texto tem como intuito abordar a temática em torno da construção da História das Mulheres e a influência da Historiografia nesse processo, uma vez que esta pode ser entendida como a produção histórica e o discurso dos historiadores a respeito de determinado assunto, o qual pode ser apresentado por meio de artigos, teses, livros entre outros que buscam evidenciar a interpretação sobre os fatos históricos. Mediante isso, importantes correntes teóricas marcaram a Historiografia, como o Positivismo, o qual teve como referência o francês Auguste Comte (1798-1857), considerado o precursor das ideias positivistas no século XIX, que privilegiava o estudo cronológico dos fatos históricos dando ênfase ao cientificismo, o qual reconhecia como única natureza material, que incorpora e explica o mundo dos valores e o mundo dos fatos, descartando teorias voltadas ao idealismo metafísicas.

Em contrapartida, outra importante corrente teórica que procurou compreender a sociedade foi o Materialismo Histórico, destacado principalmente pelos filósofos alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), que buscavam compreender a história da humanidade por meio da acumulação material e da divisão de classes da sociedade. Marx e Engels foram os fundadores do Marxismo e, por meio de suas análises, criticavam as contradições da classe burguesa europeia e aprofundavam os estudos relacionados a sociedade capitalista, a propriedade privada e a alienação social.

Na esteira dos pensadores, os debates estão focados na lógica materialista e nas contradições sociais sem, no entanto, enfatizar as questões de gênero. Frente a esse cenário, na década de 1930, a Escola dos *Annales* ou Escola das Mentalidades surgiu como contraposição às teorias que direcionavam a vida humana, incorporando aspectos da Antropologia, da Psicologia, da Geografia e da Filosofia para comporem a descrição interdisciplinar dos fatos históricos.

A partir disso, ao trazer para o eixo central do debate a reflexão acerca da transformação da Historiografia ao longo da formação da Escola dos *Annales*, especificamente, ao que se refere à História das Mulheres, permite-se compreender que a humanidade remete à formação do ser humano humanista, capaz de poder vivenciar a liberdade (ação humana), ou seja, pensar por si mesmo, juntamente, colocar-se no lugar do outro, como um ser de direitos e deveres.

Isso significa que, a razão leva ao reconhecimento da ação em sociedade, “ao co-pertencimento no mesmo mundo a partir da ocupação do mesmo espaço físico, [...], e pela igualdade nos interesses comuns, partilhados por seres humanos” (SCHIO, 2008, p. 20). Fato destacado pela pensadora política contemporânea, Hannah Arendt (1906-1975), ao longo de suas obras, que frisa a humanidade referindo-se à

pluralidade humana, que, na sua filosofia, significa o fato de que os homens, e não o Homem, habitam na Terra e habitam o mundo. Dessa maneira, deve-se considerar a pluralidade como uma comunidade global capaz de amparar e proteger os indivíduos resguardando-os enquanto sujeitos de direitos e deveres, que lhes permitam viver em segurança e compartilhar o mundo.

Faz-se necessário, portanto, pontuar as transformações entre as três gerações da *Escola dos Annales* e seus atravessamentos para o surgimento e construção da escrita sobre as mulheres nas pesquisas históricas que permitem pensar a respeito da temática, compreendendo o papel feminino na sociedade, o qual possibilita desconstruir estereótipos e conceitos preestabelecidos e definidos sobre sua atuação e seu papel social. Vale ressaltar que, durante muito tempo, a História esteve centrada na figura dos homens brancos e seus feitos heroicos. Conforme a historiadora Margareth Rago, trazer para o campo do debate essa reflexão é importante porque “quanto mais nos damos conta de que a História não narra o passado, mas constrói um discurso sobre este” (1995, p. 81), tendo em vista que, trazer o olhar bem como a própria subjetividade, é narrar à sua maneira a matéria da história por intermédio de sua personalidade.

Frente a esses questionamentos, indagações e reformulações, um dos grandes nomes da militância feminina a ser destacado é o da escritora Virginia Woolf (1882-1941). Por meio de seus escritos, dedicou-se a dar voz às reflexões sobre as questões da mulher. Woolf chamou a atenção para a Historiografia existente na época que ressaltava o perfil dominante, portanto, evidenciava o perfil masculino e excluía o feminino. Outro importante nome a ser ressaltado, a partir do fim da Segunda Grande Guerra do século XX, foi o da filósofa e escritora francesa Simone de Beauvoir (1908-1986), em sua obra, *O segundo sexo*⁴ (2009), em que apresentou uma profunda crítica à realidade social a qual exclui, da humanidade, as mulheres.

A ideia da supremacia masculina esteve fundamentada, durante muito tempo, em estereótipos e hierarquias, cuja história era marcada pela exaltação dos heróis e pelo caráter político e nesse contexto as mulheres eram predominantemente excluídas. Conforme corrobora Rebecca Solnit (2017, p. 24), “se as bibliotecas contêm todas as histórias que foram contadas, existem bibliotecas fantasmas de todas as que não foram. Os fantasmas ultrapassam os livros numa proporção incalculável”. Logo, refletir, no campo acadêmico, o porquê da invisibilidade da história das mulheres possibilita perceber e conhecer como as tendências teóricas passaram por profundas transformações, as quais resultaram em uma nova possibilidade de estudar o passado, ampliando as contribuições para um campo até então inexplorado. Dessa maneira, no primeiro momento, procurou-se apresentar como se organizaram as pesquisas e estudos com a criação da Escola dos *Annales* e o novo enfoque na historiografia a partir do olhar das mulheres e sobre elas.

⁴ O livro “O Segundo Sexo” (*Le Deuxième Sexe*), escrito por Simone de Beauvoir, foi publicado originalmente em 1949, em Francês.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia está embasada em uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, na perspectiva da pesquisa qualitativa que relaciona a Escola dos *Annales* com História das Mulheres e, a partir disso, descreve a influência da *Revista dos Annales* como um instrumento de historiografia na abordagem do tema.

A ESCOLA DOS ANNALES E A HISTÓRIA DAS MULHERES

Uma história sobre as lutas e desafios das mulheres até a segunda metade do século XX esteve invisível e apagada dos acontecimentos históricos e, somente a partir dos anos 1970, essa temática passou a ser foco das discussões e debates no campo científico. Porém, até ganhar visibilidade frente à sociedade, passou por sistema de banalização, preconceitos e pouca reflexão. Nesse sentido, a historiadora Margareth Rago (1995, p. 29) argumenta que esse fato se deve ao fato de existir um discurso historiográfico voltado para a ideia ou “às ações individuais e às práticas coletivas marcadamente masculinas”. No entanto, para compreender essa exclusão, faz-se necessário fazer uma reflexão sobre o papel da mulher ao longo da sua criação e construção social.

De acordo com a historiadora Pauline Schmitt-Pantel (1990), essa construção histórica em torno da mulher se deve ao fato de que, desde os primórdios da humanidade, ela era considerada uma categoria secundária e, na mitologia grega, essa condição subalterna é ressaltada, sendo a primeira criação e existência, o homem. E, é por meio dessa teoria que a história do Ocidente naturaliza as relações entre homens e mulheres, criando uma história que apaga ou desconstrói o plural. Beauvoir (2009, p. 134), corrobora nesse sentido ao apresentar uma releitura da Bíblia na qual relata que Eva foi entregue a Adão para ser sua companheira, porém foi “a perdição do gênero humano; querendo vingar-se dos homens, os deuses pagãos inventaram a mulher, sendo Pandora a primeira a nascer dessas criaturas, a que desencadeia todos os males de que padece a humanidade.

Diante disso, colocar em evidência essas questões a respeito das narrativas femininas, tornava-se necessário. A fim de incorporar as inquietações e preocupações femininas, indaga-se quais foram as questões que passaram a fazer parte do cotidiano dos historiadores? Segundo alguns autores, tais respostas podem ser esclarecidas a partir da Escola dos *Annales* ou por meio do movimento feminista. Para a autora Del Priore (2010, p. 216), “as feministas foram as responsáveis por fazer a história antes mesmo dos historiadores”. Tal fato pode ser explicado devido às feministas terem sido as primeiras a romperem com esse silenciamento construindo a História das Mulheres.

Entretanto, é preciso evidenciar que a exclusão das mulheres da Historiografia não se deve ao fato de não existirem grandes escritoras ou grandes personalidades femininas, mas pelo fato de que até o século XX, em lugares como a França e a Inglaterra, as mulheres eram proibidas de escrever ou, até mesmo, não tinham o direito de aprender a ler e escrever, e, se ainda expressassem o desejo

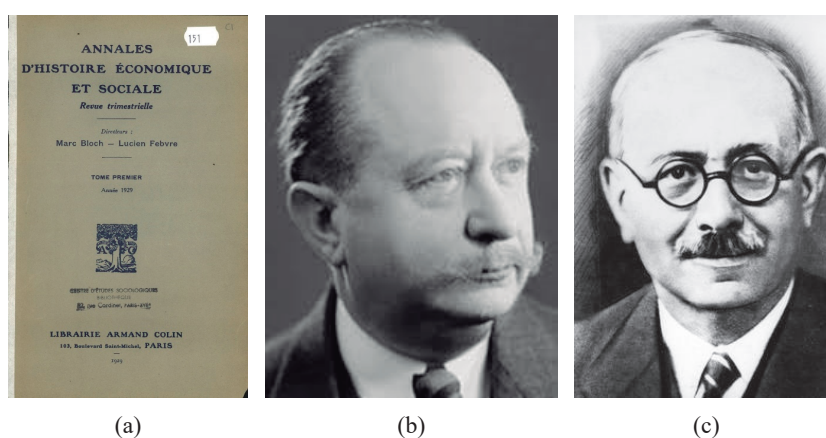
de escrever, tinham que ter a autorização do marido. Mediante isso, fica evidente que, durante muito tempo, a história foi feita no singular e somente por homens. Nota-se, portanto, que esse espaço deveria ser privado da presença feminina e constituir um espaço masculino. Conforme Del Priore (2010, p. 217):

O território do historiador manteve-se, durante muito tempo, exclusividade de um só sexo. Passagem marcada por espaços onde os homens exerciam seu poder e seus conflitos, empurrando para fora destes limites os lugares femininos. Assim, sendo, espaços comuns de homens e mulheres, a família, acabou por tornar-se uma região particular, uma espécie de geografia insular. Sobre este solo de história, as mulheres, de forma precária, tornaram-se herdeiras de um presente sem passado, de um passado decomposto, disperso, confuso.

Assim, a construção histórica das mulheres foi feita a partir de um olhar ofuscado na medida em que a história foi contada e investigada por homens. Diante desse contexto histórico, ao apresentar as transformações no processo historiográfico, pretende-se evidenciar como se constitui o processo de construção da História das mulheres mesmo que a revista não tenha dado uma grande abertura e foco para a temática.

Nesse viés, no mesmo ano da crise de 1929⁵, na França foi fundada, por Lucien Febvre e Marc Bloch, a *Revista Annales d'Histoire Économique et Sociale* o qual lançou seu primeiro exemplar no dia 15 de janeiro de 1929 (figura 1a, 1b e 1c). Os historiadores vinham descontentes com a predominância da história política das décadas de 1910 e 1920, que focava em uma história de poder, ignorando as estruturas e os agrupamentos humanos. Nessa perspectiva, Febvre e Bloch entendiam que, reduzir a humanidade tão somente ao poder, não permitiria entender a complexidade, a profundidade, a sociedade e os seres humanos. Porém, é preciso lembrar que eles não foram os pioneiros, desde o século XVIII, durante o Iluminismo, já havia historiadores que buscavam escrever uma história da sociedade.

Figura 1 - Primeiro exemplar da *Revista Annales d'Histoire Économique et Sociale* (1929) (a) e os fundadores Lucien Febvre (b) e Marc Bloch (c), da primeira fase de 1929 até 1949.



Fonte: <<https://www.google.com.br>>.

⁵ Crise econômica pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a **bolsa de valores de Nova York** e a **New Stock Exchange** entraram em colapso, os países, que já viviam uma crise interna devido à participação na Guerra, passaram a viver a maior recessão de todos os tempos.

Outra proposta da revista era a colaboração e diálogo com outras áreas, ou seja, com cunho interdisciplinar. Associada, pelos estudiosos da época, como precursora, a revista formada por historiadores não voltava o seu olhar somente para questões que estavam em voga no momento, como políticas econômicas ou questões relacionadas às guerras. A revista procurava mostrar, em seus estudos, que a liberdade humana e a individualidade não eram antagônicas aos determinismos das estruturas sociais, culturais, políticas e econômicas, as quais influenciavam no modo como agimos, mas não anulavam a vontade humana. Os teóricos da Escola dos *Annales* entendiam que se podia trabalhar o condicionamento social e a escolha individual sem que isso se tornasse contraditório.

Ao longo da década de 1930, o periódico tornou-se símbolo de uma nova corrente historiográfica identificada como Escola dos *Annales*⁶, a qual buscava, para o campo da História, uma nova perspectiva, em que se pudesse repensar a realidade, sem que, necessariamente, fosse voltado às pessoas que estivessem no poder. Os fundadores da *Revista dos Annales* entendiam que a história deveria estar centrada na análise das estruturas, ou seja, no passado, presente e o futuro, buscando compreender a sua totalidade. Assim, o objetivo era substituir a narrativa tradicional, por uma “história problema”, ou seja, ao invés de narrar a história de forma cronológica, a *Revista dos Annales* propunha pensar um problema e criar hipótese. De acordo com Peter Burke (1997a), o novo tipo de história, pautado na interdisciplinaridade, surgia com seu foco voltado para os problemas da sociedade.

Nesse cenário, emerge a interdisciplinaridade como uma forma de romper com as correntes teóricas positivistas vigentes desde o século XVII. A história não deveria mais ser vista, apenas, como uma sequência de fatos escritos, era preciso olhar para outras áreas, buscando dialogar com as outras ciências para produzir um conhecimento múltiplo. Conforme Michelle Perrot (2005), Marc Bloch e Lucien Febvre contribuíram para uma ruptura profunda no campo historiográfico, entretanto, no que está relacionado à participação da figura feminina, pode-se dizer que esta foi ignorada e, nesse sentido, é preciso lembrar que o foco dos historiadores se centrou nos planos econômicos e sociais.

Vale ressaltar que, mesmo que a historiografia estivesse voltada às questões sociais, nos anos seguintes não se percebeu uma receptividade dos historiadores em relação à presença feminina no interior do desenvolvimento histórico, somente a partir dos anos 1970, com o surgimento da terceira geração dos *Annales* que as pesquisas relacionadas à História das Mulheres começaram a ganhar espaço.

Além disso, a revista nasceu com o intuito de romper com os paradigmas positivistas, buscando uma nova maneira de compreender a História. Para Lopes e Costa (2005, p. 76), “na concepção positivista, a História é pensada como a sucessão ordenada dos fatos em direção ao progresso [...]”. Logo, a revista foi inspirada no modelo de *Annales de Géographie*, fundada pelo geógrafo Paul Vidal de La Blache, e, nessa linha de pensamento, reivindicava a necessidade da justiça social.

⁶ A Escola dos *Annales* pode ser entendida como um movimento formado por diversos historiadores que buscavam refletir e atrelar as Ciências Sociais à História. Sua criação está relacionada à crise que o mundo vivia pós-Primeira Guerra Mundial, buscando apresentar um nova corrente Historiográfica. Referência até os dias atuais para o que se chama de Nova História e História das Mentalidades.

De acordo com Burke, “a revista foi planejada, desde o seu início, para ser algo a mais do que uma outra revista histórica. Pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social econômica” (1997a, p. 33).

Essas questões permitem afirmar que essa nova corrente historiográfica se iniciou em um momento de incertezas, no qual se nota a tendência aos assuntos mais contemporâneos e, portanto, havia um anti-historicismo que emergia nos discursos e tornava-se necessário à ampliação das fontes em outras áreas. Assim, uma fonte que serviria somente para os economistas, com a participação dos historiadores, tornara-se a “história” da economia e, dessa forma, a interdisciplinaridade passa a ser o ponto-chave de entrelaçamento entre as áreas do conhecimento. Diante disso, torna-se crucial repensar o conhecimento dito já pronto, conforme Burke (1997a, p. 26):

O grupo ampliou o território da história abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e do desenvolvimento de novos métodos para explorá-los. Estão também associadas à colaboração com outras ciências ligadas ao estudo da humanidade, da geografia à linguística, da economia à psicologia. Essa colaboração interdisciplinar manteve-se por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes das ciências sociais.

Desse modo, a Escola dos *Annales*, para muitos historiadores, pode ser dividida em três fases ou gerações, nas quais, ao longo dos anos, passa adquirir e incorporar novas perspectivas e teorias.

A primeira geração (1929-1945)⁷ centrava-se na valorização do homem e o meio, sendo contra a valorização da política. Esse primeiro momento da revista é representado pelos historiadores e fundadores da *Revista e Escola dos Annales*, Marc Bloch (1886- 1944) e Lucien Febvre (1978-1956), que, por meio das edições sucessivas, buscavam fazer com que a sociedade refletisse sobre os problemas sociais e, nesse novo cenário, surgia a possibilidade de se trabalhar com aquilo que não havia sido escrito, ou seja, emergia a história contada dos excluídos.

Pode-se dizer que nesse momento não ocorreu a expansão geográfica da revista, portanto, ela não saiu dos limites territoriais da França. Observa-se, que havia, na própria França, historiadores resistentes a esses novos ideais, pois, nesse período, as pesquisas estavam ligadas aos assuntos da Antiguidade. Juntamente, abria-se a possibilidade de “inovação” na atualidade, a qual nem sempre era bem vista entre os pesquisadores do período.

Esse primeiro momento da Escola dos *Annales* é definido como a história das mentalidades⁸, e os temas de estudo consistem na realidade social na qual se percebe uma busca pela ampliação das fontes orais e escritas, não ditas como história. Vale ressaltar que a história das mulheres, dos escravos e do povo ainda continuava inexistente.

⁷ No final desse período, Marc Bloch foi fuzilado em um campo de concentração, tendo escrito dentro desse campo uma de suas mais importantes obras “Apologia da História”.

⁸ Uma corrente historiográfica a qual busca refletir e evidencia o modo de agir e pensar dos indivíduos de uma mesma época.

A segunda geração, também conhecida como a Era de Braudel, nasce pós Segunda Guerra Mundial, em 1949. O historiador, Fernand Braudel, ao assumir a direção da *Revista dos Annales*, passa a ressaltar a necessidade de pensar e estudar a sociedade, fato que passa a ser evidenciado e manifestado no discurso de diversos historiadores, pois “a preocupação de Braudel era situar indivíduos e eventos em contexto, ou seja, em seu meio” Burke (1997b, p. 47).

Desta maneira, Braudel traz mudanças significativas para a *Revista dos Annales*, como a modificação efetiva em relação à temporalidade, que pode ser evidenciada, em um de seus estudos mais importantes, o *Mediterrâneo* (Figura 2), o qual serviu como pilar para sustentação do conhecimento, pois apresentava a história sobre uma nova perspectiva, ou seja, a partir de longos períodos, contrapondo-se à história política dos séculos XVIII e XIX. Para Fernand Braudel, a história política não era tão somente factual (BURKE, 1997b).

Figura 2 - Exemplar da obra *Mediterrâneo* de Fernand Braudel, cuja perspectiva de pensar e estudar a humanidade influenciou *Revista Annales d’Histoire Économique et Sociale* em sua segunda fase.



(a)

(b)

Fonte: <<https://www.google.com.br>>.

Na obra *Mediterrâneo*, Tomo I e II, há a descrição dos fatos cotidianos vivenciados por diferentes povos e relatados em profundidade como é regida a própria vida. Torna-se significativo conhecer o que era o Mar Mediterrâneo naquela época, o seu comércio, o meio ambiente, a vida cotidiana dos camponeses e aquilo que afetava a maior parte da vida das pessoas e suas humanidades.

Segundo Cracco (2009, p. 09), esse modelo permitiu romper com “a ideia de tempo revolucionário da modernidade, na busca de uma explicação estrutural da história - mais consistente, menos impressionista”. Representa a necessidade de uma desaceleração da história, trazendo para o mundo dos historiadores o conceito de “estrutura social”. A obra relata que as atividades humanas são inseparáveis de seu meio geográfico, isto é, fazem parte da estrutura, do protagonista histórico em que a História se torna um movimento, cujos homens atuam, não sendo alterado o meio geográfico.

Frente a isso, a partir da década de 1950, se intensifica a pressão para a criação de estudos fora da universidade, e é nesse momento que surgem os primeiros grupos de pesquisa e estudo. A tendência

desses começa a voltar-se para o economicismo, nota-se que a história começa a perder seu eixo e ocorre um aumento das pesquisas em outras áreas e uma estagnação da história devido à falta de um *status* como ciência. Com a necessidade de criar um método para a história, Braudel cria a pluralidade dos tempos, ou seja, a relação do homem e o meio, a qual se estrutura em tempo geográfico (estrutura), tempo social (sociedade), tempo individual (fatos, eventos, indivíduos).

A geo-história surge com o intuito de privilegiar a história e o tempo, está voltada a explicar como chegar à História total. Diante desse cenário, Braudel torna-se responsável pela divulgação do periódico nos outros países, no entanto, a história ainda permanece de forma muito imatura sem um grande aprofundamento.

A terceira fase dos *Annales* surge a partir da década de 1960, escrita por meio dos discípulos de Braudel e denominada a nova história ou a história vista de baixo (povo), cuja principal vocação passa a ser “a particularidade”, ou seja, uma história contada pelas pessoas que a viveram. Porém, nessa fase, considerada complexa, não há uma figura central à frente dessa corrente, no entanto, alguns nomes podem ser destacados como Jacques Le Goff, François Jacques Revel. Assim, há uma descentralização e uma pluralidade de ideias que efervesceram e se alastraram em todas as camadas sociais.

Conforme Sharpe, “como abordagem, a história vista de baixo preenche comprovadamente duas funções importantes, a primeira é servir como um corretivo à história da elite” (1992, p. 53), ou seja, mostrar que a história não é somente feita por heróis, mas, sim, por todos. A segunda abre a possibilidade em compreender o todo por meio do cotidiano.

Nesse sentido, a história vista de baixo amplia as possibilidades de o historiador sair do espaço tradicional e profissional e amplia os meios de se trabalhar com a oralidade e não somente com as fontes escritas. É, portanto, nesse momento que surge a oportunidade de contar e escrever a história do povo e das mulheres. Conforme Sharpe (1992, p. 50):

Um dos principais objetivos daqueles que escrevem a história vista de baixo, particularmente daqueles que trabalham que trabalhavam com uma postura socialista ou de história do trabalho, era tentar remediar esta situação, ampliando seu público e possivelmente, proporcionando uma versão do povo daquela nova síntese de nossa história nacional.

Para Burke, “mais significativas, contudo, do que as tarefas administrativas foram as mudanças intelectuais ocorridas nos últimos vinte anos” (1997b, p. 79). O autor dá continuidade ao debate, relatando que há uma enorme dificuldade em determinar a terceira fase dos *Annales*, pois a terceira geração torna-se muito mais difícil do que as duas anteriores, devido a sua complexidade e ao fato de que “ninguém neste período dominou o grupo como fizeram Febvre e Braudel”.

A história vista de baixo buscou dar importância às camadas populares, reintegrando-as a sua história e aos seus grupos sociais. Nessa perspectiva, aqueles que se dedicam a esse campo historiográfico, conforme Sharpe, possibilitam um campo de trabalho “que nos permite conhecer mais sobre

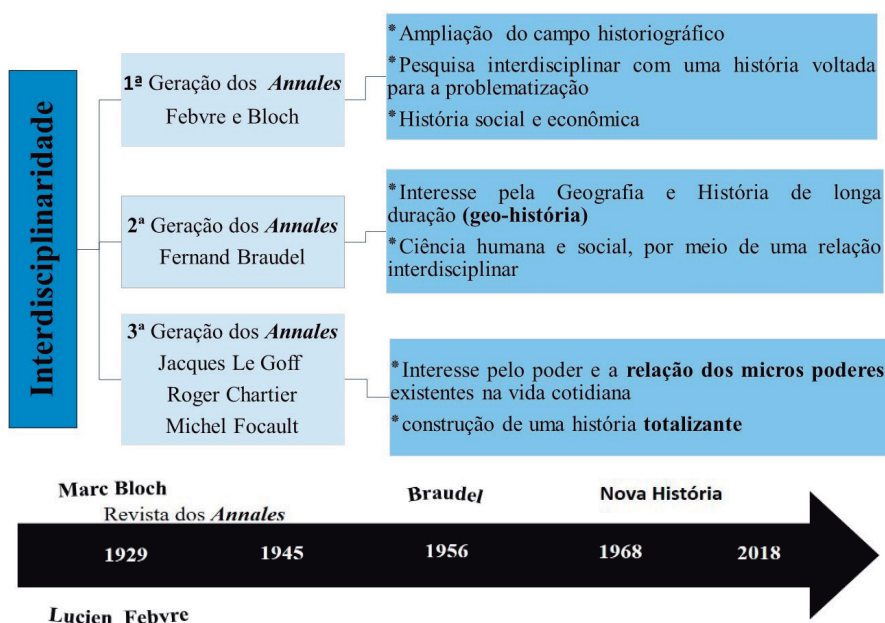
o passado: também tornam muito mais claro que existe muito mais que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas” (1992, p. 62).

É importante salientar que, embora haja toda essa revolução no campo historiográfico, as pesquisas relacionadas ao universo feminino não se tornam um objeto de pesquisa exaltado pelos historiadores. De acordo com Del Priore (2010, p. 221), a história das mulheres aparecia nos objetos estudados como:

Um adendo à história geral: um “algo a mais”. Em várias teses, historiadores chegaram a escrever um capítulo suplementar sobre as mulheres, numa espécie de generosa esmola com que se premiava o nascente movimento feminista. Agraciavam, desta maneira, o feminismo, mas não a história das mulheres, e, embora houvesse uma confusão arditosa alimentada entre ambas, era preciso separar o feminismo e sua história da história das mulheres, por tratar-se de dois objetos em si. A questão era: qual deles era subparte do outro, e parte de uma parte já dificilmente reconhecida pela disciplina histórica.

Nessa senda, é a partir desse diálogo com as outras disciplinas que vai se trazer para os holofotes uma historiografia que dê visibilidade à História das Mulheres, não somente como o aumento de autoras em voga, mas no estudo de história de mulheres ressaltando o fato de que as diferenças de gênero fazem sentido ao serem estudadas na história. Pois, quando se estuda a história sob um ponto de vista masculino, tomado como totalizante universal, esquece-se que as experiências históricas foram muito diferentes das dos homens daquele tempo por conta das diferenças, dos papéis sociais, limites e preconceitos. Lentamente verifica-se uma transformação nesse campo científico, e as mulheres começam a integrar-se a esse universo antes considerado masculino. Portanto, as historiadoras trazem um novo olhar para a história, desconstruindo as estruturas estabelecidas e implodindo com a epistemologia centrada na história masculina (Figura 3).

Figura 3 - Escola dos *Annales* e suas três fases.



Fonte: as autoras (2018).

Nesse cenário, destaca-se a historiadora Michele Perrot (2005), uma das pioneiras na produção da historiografia feminina, a qual irá propor a história das mulheres. Perrot apresenta um debate a respeito da existência de uma história feminina, evidenciando de que modo a história tratou as mulheres, como essas mulheres são estudadas e quem produz essa historiografia. Pode-se dizer que é a partir desses questionamentos que a História das mulheres passa a ser repensada, ou seja, as mulheres, não são somente as princesas e rainhas, que aparecem na historiografia por questões políticas e religiosas, mas também aquelas que vivem na vida comum, do povo e do cotidiano dos vilarejos.

Perrot (2005) compreende que, ao trazer para o campo do debate as questões de gênero, possibilita que as mulheres possam obter uma maior compreensão sobre si mesmas o que possibilita uma reflexão sobre como se constituiu sua identidade que hoje é o reflexo de uma construção histórica que permitiu profundas contribuições para consciência de gênero. De acordo com Rebecca Solnit (2017, p. 26)

Somos vulcões', Certa vez, Ursula K. Le Guin comentou. 'Quando nós, mulheres, apresentamos a nossa experiência como a nossa verdade, como verdade humana, todos os mapas se alteram. Surgem novas montanhas.' As novas vozes, como vulcões submarinos, irrompem à superfície da água e nascem novas ilhas; é uma atividade furiosa e surpreendente. O mundo muda. O silêncio é o que permite que as pessoas sofram sem remédio, o que permite que as mentiras e hipocrisias cresçam e floresçam, que os crimes passem impunes. Se nossas vozes são aspectos essenciais da nossa humanidade, ser privado de voz é ser desumanizado ou excluído da sua humanidade. E a história do silêncio é central na história das mulheres.

A partir desse contexto no mundo e no Brasil, essa temática só ganhará espaço de forma muito tímida com a inserção das mulheres nas universidades no final do século XIX. Vale ressaltar que no Brasil a universidade era voltada para a educação dos homens e as mulheres foram, inicialmente, excluídas. A ideia estava pautada na concepção de submissão feminina, e os cursos que formavam os professores de Estudos Sociais integravam os conhecimentos da Geografia e da História. Somente a partir de 1950, ocorrerá a separação entre as duas licenciaturas e ter-se-á formação de Historiadores (as).

Pode se dizer que essa revolução na historiografia não é um movimento isolado, mas internacional, as historiadoras passam a questionar os mitos criados a respeito das mulheres. Nessa perspectiva, o ingresso das mulheres na Universidade facilitou a feminização do meio acadêmico e historiográfico passando a produzir novos saberes.

Na busca pela historicização dos percursos das mulheres como sujeitos/participantes históricos, emergiram inúmeras produções como foco no universo feminino, enfim, a história vista até então era silenciada pela historiografia. A partir dos anos 1980, em diversos países, percebeu-se um movimento em prol de um novo olhar para a história das mulheres, a qual procurava apresentar e refletir a respeito das contribuições das produções para o campo historiográfico, isto é, se de fato estava se rompendo com o modelo tradicional e com o silenciamento.

Da invisibilidade à visibilidade para dar voz à história das mulheres, foi necessário atravessar um percurso cheio de regras e constrangimentos em que se tornava necessário ultrapassar as relações

de poder, romper com paradigmas e ideologias. Del Priore corrobora a dizer que, na maioria das vezes, as mulheres eram chamadas às palestras como uma forma de equilibrar com o predomínio masculino, fato que se dava pela sociedade machista a qual se recusava a legitimar os estudos sobre as mulheres. Esse fator acabava inviabilizando a ampliação do debate, “essa limitação é preocupante, não apenas pelo fechamento do próprio campo, mas porque aponta para a inclusão diferenciada e desigual das mulheres no discurso historiográfico” (MUNIZ, 2015, p. 70).

Nesse mesmo viés, Dias, ao descrever sobre a história das mulheres ressalta a dificuldade de escrever sobre a História das Mulheres, pois, “documentos, símbolos e metáforas escondem genéricas, depreciativas, recobrem alusões às escravas, fôrras e brancas pobres” (1983, p. 10), referindo-se à mulher como um objeto de conquista e de prazer sexual. Ainda, conforme Dias, “na historiografia, as mulheres têm a individualidade de personagens históricas. São forças misteriosas, desconhecidas, às vezes, perigosas” (DIAS, 1983, p. 10). Nota-se que, ao apresentar a História das Mulheres, Dias descreve sobre a importância de um olhar holístico no qual possa integrar as mulheres reconstituindo a sua memória social.

Frente a esse cenário, pode-se dizer que as mulheres feminizaram o campo da história e trouxeram críticas profundas a respeito da supervalorização masculina, tentando desconstruir o mito de que a mulher nasceu apenas para ser mãe. Nesse sentido, Pesavento (2005, p. 69), corrobora ao dizer que, “a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes”, permite apresentar uma nova versão da história.

Portanto, a história deixou de ser um destino, um sacrifício, um fardo. Essa nova corrente historiográfica procurou desnaturalizar a existência de lugares definidos para homens e mulheres, conforme Rago (1998), ninguém nasce nada e sim é construído historicamente. Por fim, por meio da abertura para novos campos historiográficos, surgiu a possibilidade de uma reflexão da humanidade, a qual permite um futuro sem as mesmas repetições, demonstrando que existem outras formas de narrar e desconstruir as barreiras entre história e outras ciências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, pode-se inferir que, ao longo da década de 1930, a Revista *Annales* se tornou o símbolo de uma nova corrente historiográfica identificada como Escola dos *Annales*. A proposta inicial do periódico era se contrapor a uma visão positivista da escrita da História que havia dominado o final do século XIX e início do XX. Sob esta visão, a História era relatada como uma crônica de acontecimentos e, o novo modelo pretendia, também, descrever análises de processos de longa duração com a finalidade de permitir maior e melhor compreensão das vivências humanas.

Assim, o novo movimento historiográfico foi muito intenso e renovador, colocando em questionamento a historiografia tradicional e apresentando novos e complexos elementos para o conheci-

mento das sociedades e, dessa forma, foi possível romper paradigmas sociais, cujas questões passaram a ser relacionadas a preocupação com o homem/mulher enquanto ser social. Nessa perspectiva, a nova história buscou estabelecer uma ampliação das fontes e documentos, tentando compreender a totalidade, estabelecendo sentido e compreensão dos fatos. Pode-se dizer que a historiografia da Escola dos *Annales* se consolida por meio de uma crítica da história do seu tempo.

No que está relacionado à participação das mulheres na historiografia, pode-se dizer que, embora os avanços nesse campo temático têm sido cruciais para dar visibilidade à história das mulheres, ao que tange à busca de documentos no passado, as informações são quase inexistentes, devido à história ter sido escrita no passado majoritariamente por homens e não haver espaço no universo masculino para esse tipo de informações.

Nesse sentido, ao trazer o diálogo a respeito de gênero na construção da história, refletiu-se a respeito da construção social e histórica, saindo do silêncio em que as mulheres estiveram durante muito tempo na história. Dessa forma, ao abordar sobre a temática rompeu-se com paradigmas, desnaturalizando a ideia de uma mulher submissa e omissa à realidade social. Desta forma, contar a história das mulheres é, também, tornar possível a existência, a vivência e o fazer ser de cada mulher na construção histórica e ampliar a discussão sobre o tema.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 2. ed. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BURKE, P. O antigo Regime na Historiografia e seus Críticos. In: BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. Tradução Nilo Odila. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997a.

_____. A era de Braudel. In: BURKE, P. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. Tradução Nilo Odila. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997b.

CRACCO, R. B. **A longa duração e as estruturas temporais em Fernand Braudel: de sua tese O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II até o artigo História e Ciências Sociais: a longa duração (1949-1958)**. 2009. 115f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009.

DEL PRIORE, M. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2010.

DIAS, M. O. L. S. Mulheres sem História. **Revista de História** (nova série), São Paulo, USP, n. 114, p. 31-45, 1983.

LOPES, M.; COSTA, M. C. Problematizando ausências: mulheres, gênero e indicadores na História das Ciências. In: MORAES, Maria Lygia Quartim de (Org.). **Gênero nas fronteiras do Sul**. Campinas: Pagu/Unicamp, 2005, v. 1, p. 75-83.

MUNIZ, D. do C. G. Mulheres na historiografia brasileira: práticas de silêncio e de inclusão diferenciada. In: STEVENS, Cristina et al. (Org.). **Gênero e feminismo: convergências (in)disciplinares**. Brasília/DF: Ex Libris, 2015.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RAGO, M. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Z. L (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995, p. 81-91.

_____. Descobrir historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, São Paulo, n. 11, p. 89-98, 1998.

SCHIO, S. Hanna Arendt e a Educação em uma “Sociedade de Massa”. **Resafe**, n. 8/9, p. 14-22, maio 2007/abr. 2008.

SCHIMITT-PANTEL, P. A história das mulheres na Antiguidade, hoje. In: PERROT, M.; DUBY, G. **História das Mulheres no ocidente**. Trad. M. H. Cruz Coelho. Porto: Afrontamento, 1990.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992.

SOLNIT, R. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.